Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Plataformização da vida e produção de subjetividades na Maternidade Atípica[1]

Platformization of life and production of subjectivities in Atypical Motherhood

Luciana Guimarães Barbosa
Elaide Martins da Cunha
Claudiane de Oliveira Carvalho

Palavras-chave: Maternidade atípica, Mediação, Plataformização, Subjetividades.

1 Introdução

A experiência da maternidade atípica, aqui compreendida a partir das vivências de cuidado ligadas à deficiência e ao neurodesenvolvimento, na contemporaneidade, é atravessada por uma reorganização profunda das formas de sociabilidade, de produção de sentido e de constituição dos sujeitos, processo esse compreendido a partir da noção de midiatização. Como argumenta Hjarvard (2014), vivemos uma intensificação da midiatização da cultura e da sociedade, na qual os meios de comunicação deixam de atuar apenas como canais de mediação para integrar, de modo constitutivo, o funcionamento da vida social. Essa dinâmica ocorre em estreita articulação com a consolidação da sociedade digital (Castells, 2026), em que as infraestruturas digitais passam a moldar práticas sociais ordinárias e modos de existência.

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

É nesse cenário que se insere a plataformização, definida como a penetração das infraestruturas técnicas, modelos econômicos e lógicas de governança de empresas globais em diferentes domínios da vida social (Van Dijck *et al*, 2018). Esse processo opera em simbiose com a dataficação, isto é, a tradução do vivido, das relações e dos afetos em dados operacionais passíveis de processamento algorítmico, convertendo a experiência humana em fonte de extração de valor para o capitalismo de plataforma (Couldry; Mejias, 2021; Lemos, 2021).

Tais transformações incidem na produção de subjetividades, pois a conversão da vida em dados estabelece critérios normativos para as condutas sociais, afetivas e comunicacionais. Nesse horizonte, mobiliza-se a noção de governamentalidade de Foucault (2008), aqui entendida como a racionalidade política que organiza a condução das condutas e o governo dos indivíduos.

Articulados às formulações de Rose (2013), esses aportes oferecem um escopo para compreender o *self* como um artefato histórico e cultural profundamente maleável. Para Rose (2013), o *self* constitui a própria zona de fricção, na qual se desenvolvem os processos de subjetivação, isto é, o plano prático em que o indivíduo é instado a se perceber, avaliar-se e guiar suas ações conforme as racionalidades políticas vigentes.

Nos ambientes plataformizados, esse governo do eu operacionaliza-se por meio de métricas e interfaces digitais que induzem o sujeito a monitorar suas práticas e gerir riscos em busca de reconhecimento. Assim, a subjetivação contemporânea materializa-se à medida que a autogestão do self passa a ser parametrizada pelas lógicas dos fluxos algorítmicos (Couldry; Hepp, 2020).

Em vista disso, a maternidade atípica é tomada como eixo analítico deste trabalho. Por concentrar demandas intensivas de cuidado e circuitos específicos de visibilidade, essa vivência ilumina dinâmicas macro da plataformização do cotidiano. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar como as infraestruturas e a mediação algorítmica inserem-se na produção da subjetividade contemporânea a partir desse território.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

2 Infraestruturas digitais, construção social da subjetividade e a modelagem do cotidiano

A compreensão dos processos contemporâneos de produção da subjetividade exige analisar como as lógicas de governança e os modelos econômicos das plataformas digitais deixam de ser apenas ferramentas técnicas para se converterem em instâncias de normatização da experiência social (Poell *et al.*, 2020). Essa penetração infraestrutural nos diferentes domínios da vida ordinária estabelece novos parâmetros para a ação dos indivíduos, operando uma tradução contínua das relações e dos afetos em dados mensuráveis.

As plataformas excedem a função de suporte neutro ao estruturarem interações a partir da coleta sistemática, do processamento e da monetização de dados (Van Dijck, 2018). Vivemos, portanto, uma midiatização profunda, na qual a construção da realidade é indissociável de tais processos sociotécnicos (Couldry; Hepp, 2020). Nesse sentido, a tecnologia deixa de ser apenas um espaço no qual a cultura se manifesta, sua própria arquitetura intervém ativamente na organização das práticas coletivas.

Como apontam Poell *et al* (2020), a arquitetura técnica das plataformas (como botões, métricas e formatos) intervém ativamente na organização das práticas culturais, operando de forma difusa através da captura de metadados comportamentais. Ações, afetos e rotinas ordinárias passam a ser continuamente traduzidos em informações estruturadas. Conforme expõe Barsotti (2024), a materialidade digital promove uma remediação dos meios analógicos: a desmaterialização dos suportes inverteu a lógica da memória, fazendo da estocagem automática de rastros o padrão invisível do cotidiano.
Essa racionalidade sociotécnica transforma o ordinário em um campo permanente de cálculo e intervenção (Lemos, 2021). Sob a ótica do colonialismo de dados (Couldry; Mejias, 2021), a extração de informações reorganiza as relações sociais e os modos de existência, submetendo as práticas cotidianas a sistemas de classificação, predição e

segmentação algorítmica. A vida cotidiana passa a ser, assim, uma fonte ininterrupta de extração de valor mercantil.

3 Mecanismos algorítmicos e visibilidade programada

No interior dessas arquiteturas digitais, os algoritmos atuam como dispositivos normativos que organizam as estruturas sociais contemporâneas (Van Dijck, 2018). Para além de critérios meramente técnicos de distribuição de dados, os sistemas de recomendação operam como instâncias de filtragem e atribuição de relevância social (Gillespie, 2018). Ao determinarem o que emerge ou o que é silenciado nos fluxos de informação, os algoritmos moldam os horizontes de sentido e os regimes de reconhecimento disponíveis para os sujeitos.

Essa curadoria automatizada atende a métricas estritas de engajamento e retenção de atenção, o que tende a segregar os indivíduos em ambientes comunicacionais homogêneos conhecidos como câmaras de eco (Sunstein, 2001). Conforme ressalta Barsotti (2024), a seleção do conteúdo consumido desloca-se de uma postura deliberada do ator social para uma organização invisível operada por modelos preditivos. O esforço de busca do usuário é substituído pela oferta automatizada baseada no rastreamento prévio de suas interações.

Consequentemente, estabelecem-se regimes de visibilidade altamente assimétricos (Campanella, 2023), nos quais os indivíduos são instados a ajustar suas próprias narrativas e comportamentos aos parâmetros validados pelas plataformas para obterem validação pública (Bucher, 2018). O que ganha a superfície dos fluxos informacionais não é necessariamente o fenômeno socialmente mais urgente, mas aquilo que possui a materialidade técnica capaz de gerar reações afetivas mensuráveis e replicáveis pelas lógicas sistêmicas.

4 Vetores de subjetivação e o cuidado em ambientes plataformizados

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Os regimes de visibilidade e desempenho gerados pelas plataformas digitais convergem na produção do *self* contemporâneo que, longe de constituir uma instância interior isolada, configura-se como uma construção relacional produzida nas interações mediadas por dispositivos técnicos e discursos (Autora, 2023). Sob essa perspectiva comunicacional, as estruturas das redes digitais participam ativamente dos modos pelos quais os sujeitos se narram e se regulam, tensionando diretamente as dinâmicas de cuidado e reprodução social. O cuidado é historicamente feminilizado e moralmente naturalizado como responsabilidade feminina sob o manto de uma suposta vocação biológica, operando como um pilar indispensável para a engrenagem capitalista de produção (Federici, 2017).

No escopo deste resumo expandido, essa complexa articulação é investigada a partir da experiência da maternidade atípica, território onde as demandas intensivas de cuidado e as expectativas normativas de resiliência encontram eco e sofrem modulações nos processos contemporâneos de plataformização.

Nesse contexto, as interações nas mídias sociais intensificam as cobranças por autoaperfeiçoamento e otimização da vida (Rose, 2013). No panorama da maternidade atípica, a precariedade das redes institucionais e do suporte estatal empurra os sujeitos para os espaços digitais em busca de redes de apoio, validação de diagnósticos informais e trocas de saberes práticos. As plataformas passam a figurar como instâncias de amparo pedagógico e terapêutico onde circulam cartilhas, orientações jurídicas e acolhimento mútuo.

Todavia, esses espaços comunitários de solidariedade acabam capturados pelas lógicas de normatização algorítmica e mercadológica das redes, processo no qual a espetacularização das rotinas domésticas, as cobranças por desempenhos terapêuticos e as narrativas compulsórias de resiliência criam molduras de comparação mútua parametrizadas pelo engajamento (Fernandez; Dalmolin, 2025). O governo da subjetividade opera, portanto, ao converter demandas estruturais e desigualdades socioeconômicas em problemas de foro íntimo (Rose, 2013). Sob essa racionalidade,

exige-se das mães uma gestão afetiva exaustiva e uma performance adaptativa diante da vulnerabilidade, transformando o que deveria ser uma rede de amparo coletivo em um imperativo de superação puramente individualizado (Rose, 2013).

5 Considerações finais

A discussão empreendida buscou problematizar como as infraestruturas digitais atuam na produção das subjetividades na sociedade plataformizada. Os ambientes conectados não operam como canais neutros, mas como instâncias que hierarquizam as experiências humanas a partir do valor extraído de seus dados (Van Dijck, 2018; Couldry; Mejias, 2021). Esta dinâmica também é percebida ao adentrar o cenário da maternidade atípica como eixo de reflexão.

A automação do cotidiano e a estocagem de rastros comportamentais (Barsotti, 2024) sujeitam o acolhimento comunitário e a busca por direitos a filtros de visibilidade mercadológica (Gillespie, 2018). Desse modo, as identidades e as formas de agência política veiculadas nas plataformas acabam tensionadas por uma contradição estrutural. Os sujeitos encontram-se enredados entre a necessidade legítima de construir laços de pertença e as pressões de uma governamentalidade neoliberal que utiliza os recursos algorítmicos para impor a autogestão e a individualização do cuidado.

Referências

AUTORA. Título omitido para preservação do anonimato. São Paulo, 2023.

BARSOTTI, Adriana. Da era analógica à internet: a convergência das tradições oral, escrita e audiovisual nos meios de comunicação. In: MARTINS, Gerson Luiz; SOUSA, Maíra Evangelista de (Org.). **Jornalismo, Tecnologia e Cibercultura**: panoramas e debates. Editora SBPJor Luiz Gonzaga Motta, 2024, p. 67-90. Disponível em https://www.editorafi.org/ebook/c008-jornalismo-tecnologia-cibercultura.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. Remediation. Understanding New Media. Cambridge: The MIT Press, 1999. 295 p.

BUCHER, Taina. *If... then: algorithmic power and politics*. Oxford University Press, 2018.

CAMPANELLA, Bruno Roberto. Regimes de visibilidade na era das mídias sociais: transformações e continuidades. **Galáxia** (São Paulo), v. 48, 2023. DOI: 10.1590/1982-2553202362494. Disponível em: https://www.scielo.br/j/gal/a/zJKgKbz8pYJLWKbHrkcDGKJ/?format=html⟨ =pt. Acesso em: 23 jan. 2026.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade digital**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2026

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. A construção mediada da realidade. Tradução de Milton Lahuerta. São Leopoldo: Unisinos, 2020

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDEZ, M.; DALMOLIN, A. R. Entrevista a Tiziana Terranova – Después de Internet, el futuro de lo Común: reproducción del capital y luchas sociales en la era de las plataformas. InMediaciones de la Comunicación, v. 20, p. 1-11, 2025.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977–1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1977..

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95–121, 2018.

HJARVARD, Stig. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21–44, 2014

LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.2.39638. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/39638. Acesso em: 24 jan. 2026.

MEJIAS, Ulisses Ali; COULDRY, Nick. Dataficação. E-Compós, [S. l.], v. 28, 2025. DOI: 10.30962/**e-compós**.3222. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/3222. Acesso em: 25 jan. 2026.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SUNSTEIN, Cass R. #**Republica.com 2.0**: democracia e discurso na era da internet. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. C.**The platform society: public values in a connected world.** New York: Oxford University Press, 240 p. 2018.